

POR CAUSA DO SEU COMBATE LIBERTADOR

ESTE PEDACO DE TERRA CHAMA-SE MOÇAMBIQUE

— Samora Machel aos veteranos da luta armada de libertação nacional

Durante a sessão de abertura da reunião com os veteranos da luta armada de libertação nacional, o Presidente do Partido Frelimo, Presidente da República Popular de Moçambique e comandante-em-chefe das Forças Armadas de Moçambique, marechal Samora Moisés Machel, pronunciou o seguinte improviso que, pela sua importância, publicamos na íntegra:

I. QUEM SOMOS

A nossa Reunião não tem agenda. Todos somos parte da mesma história. A agenda somos todos nós.

Estamos todos num estado de emoção natural, compreensível, porque nos encontramos aqui depois de 7 ou 8 anos de separação.

Este é um encontro:

— Com os fazedores da paz na Pátria Moçambicana;

— Com os construtores da Pátria Moçambicana;

— Com os construtores da vitória do Povo Moçambicano;

— Com aqueles que souberam transformar a vontade do Povo Moçambicano, em se libertar do colonialismo, numa imensa força material;

— Com os que, com as armas, destruíram o racismo, o regionalismo, o tribalismo;

— Com os que, com as armas, destruíram o mito da superioridade racial;

— Com aqueles que desinteressadamente realizaram a vontade do nosso Povo;

— Com aqueles que liquidaram o individualismo;

— Com aqueles que assumiram os supremos interesses da Nação, os interesses mais profundos do Povo Moçambicano e dos Povos oprimidos do mundo;

— Com os homens que se misturaram com o nosso Povo, e com ele aprenderam como lutar;

— Com homens que consentiram sacrifícios, que suberam ultrapassar as dificuldades, fazendo das dificuldades lições;

— Com aqueles que assumiram que a independência é um direito inalienável. Um direito que se conquista e não se negocia, que compreendem o valor da liberdade e da independência não tem preço;

— Com os homens que sabem o que é a fome, que sabem o que são os bombardeamentos;

— Com patriotas e revolucionários que conheceram a longa marcha que ainda continuamos a fazer;

— Com homens que assumiram a dimensão da Nação, que compreenderam a complexidade do nosso país, os seus problemas sociais e culturais;

Compreenderam os valores que devem ser vencidos e destruídos, para que a nova árvore da liberdade cresça com raízes profundas para resistir ao impacto do vento.

Em sumo, estamos reunidos com aqueles que materializaram a política do FRELIMO.

Por isso, este é um encontro raro, estas são das mais belas páginas da gloriosa história da nossa luta de libertação nacional.

Todo o sacrifício consentido tinha um objectivo único: conquistar a independência e a liberdade, conquistar o poder político para com esse poder travar uma nova batalha contra o subdesenvolvimento, e criar uma nova sociedade de justiça, de liberdade e igualdade. Em torno deste objectivo, foram-se incorporando mais elementos nos FPLM. Esta palavra de ordem mobilizou o nosso Povo e tornou a consentir sacrifícios.

II. AS FASES DA LUTA DE CLASSES NA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

O nosso processo de libertação, assim como o processo de libertação de outros povos, têm a sua história própria e as suas especificidades.

Compreender a dialéctica do processo de libertação do nosso povo, exige um conhecimento detalhado dos factos, a sua análise e interpretação. Significa também conhecermos as diversas fases, os diversos períodos. E só assim podemos compreender a essência do combate, a razão da vitória.

A 1.ª FASE da nossa luta concentrou os seus esforços na edificação da Unidade Nacional, na união do Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo.

Era preciso conquistar este instrumento valioso. Nesta fase, essa era a tarefa principal, implicava a liquidação do tribalismo, do regionalismo, do racismo — factores que eram utilizados pelo nosso inimigo contra nós.

Assim, encontramos o homem de Inhambane a sacrificar-se em Cabo Delgado, o de Maputo a lutar em Niassa Oriental, Niassa Austral e Niassa Ocidental. Assim, encontramos o homem de Gaza

em Manhiça, em Macomia, em Inhacane. O de Manica, então contrário na Zambézia, em Niassa e em Cabo Delgado. O homem de Sofala combate em Tete, combate em Niassa. O homem da Zambézia combatia em Tete, combatia em Cabo Delgado. Os de Tete quando combatiam em Tete, não o faziam porque estava em Tete, mas porque tinha ganho a dimensão nacional da luta. Assim aconteceu com o homem de Niassa, com o homem de Cabo Delgado. Assim aconteceu com o homem de todas as Províncias.

NA 2.ª FASE da luta libertadora todos transportavam:

— os ideais da luta da FRELIMO;

— os ideais da liberdade e independência;

— os ideais da transformação do mundo;

— os ideais para liquidar a opressão, a exploração, a humilhação, a degradação do homem moçambicano.

Por isso, encontramos o homem de Cabo Delgado a falar em Manica de unidade nacional, da opressão colonial, a falar da necessidade da libertação.

A 3.ª FASE surge quando da realização do 2.º Congresso da FRELIMO em Niassa. Neste Congresso, a nossa luta dá um salto qualitativo, resultado da nova qualidade de combate e de novo combatente que se forjava.

A frente começa a ganhar algumas características do Partido, por causa da nova qualidade.

Este novo salto qualitativo não foi compreendido, não foi assumido. Para muitos de vós ele passou despercebido.

Por isso, alguns de vós compreenderam mal o «25 de Abril».

O 25 de Abril é a soma das lições que vocês deram na floresta aos oficiais portugueses que foram aplicados em Portugal. São aspectos que temos de estudar mais em pormenor.

NA QUINTA-FASE, confrontamos-nos com a infiltração de agentes, particularmente nas Províncias de Tete e Cabo Delgado. Recordamos a reunião que realizámos em Tete em Julho e Agosto de 1973, onde muitos de vós participaram.

Houve infiltração séria nas nossas fileiras. Os militares portugueses tinham já compreendido a inevitabilidade da vitória da FRELIMO. Por isso, resolveram introduzir os seus elementos dentro das nossas fileiras, para poderem crescer dentro de nós.

Em Outubro e Novembro de 1973, desmantelamos uma grande rede em Cabo Delgado.

participação da mulher na luta, recusando a participação dos militares no Congresso e na Direcção da FRELIMO. Esse dia pensava que a vitória seria mais rápida desenvolvendo a guerra nas cidades.

— A ala dominante defende a tese da guerra popular, defende a luta armada, como a forma principal de luta e característica principal do nosso movimento. Todo o resto era secundário. A tarefa era conduzir a guerra ao mesmo tempo que se resolviam os problemas políticos, económicos, culturais e sociais.

A guerra aparece como instrumento fundamental para consolidar a unidade nacional.

O objectivo final é conquistar primeiro a independência nacional, libertar a Pátria e criar a Nação Moçambicana.

A 4.ª FASE é iniciada pela Operação Nô Górdio, pelo aparecimento de novos métodos.

Em Dezembro de 1972, o Comité Central analisou, com profundidade a Ofensiva iniciada em 1970 e as causas do

— na frente militar

— na educação

— na saúde

— na formação de quadros e combatentes

— na frente social, cultural e ideológica.

— nas escolas da FRELIMO

— nas zonas libertadas

Cada passo dado era analisado. Dos avanços, das derrotas do inimigo, dos nossos rancos retirávamos as lições para o novo combate.

Esta 4.ª fase exige já uma nova qualidade: a formação ideológica dos quadros. Por isso, em 1973 a FRELIMO enviou quadros para o exterior para se prepararem para a guerra de movimento.

Em Janeiro de 1974 abrimos a Escola do Partido, escola criada a partir da nossa própria experiência de luta.

Quando partimos a espinha dorsal do exército colonial, desencadeámos a Ofensiva Generalizada em todas as frentes:

— na frente militar

— na educação

— na saúde

— na formação de quadros e combatentes

— na frente social, cultural e ideológica.

— nas escolas da FRELIMO

— nas zonas libertadas

— nos centros sociais e culturais da FRELIMO

— nas bases militares

— nos comités do Partido.

É bom recordar estes aspectos para saermos o caminho que percorremos, para vermos melhor a amplitude da mudança.

Alguns atrasaram a nossa guerra: Davam informações aos portugueses por exemplo sobre a nossa luta na Zambézia.

Já em Setembro de 1970, ao analisarmos a nossa luta, para qualificar a natureza da nossa guerra, dissemos então que a guerra popular transformou-se em revolução.

Estávamos convencidos que



a ideia da liberdade, da revolução tinha ganhado todos os camaradas. Estávamos convencidos mesmo que uma minoria tinha se oposto.

Tínhamos a certeza de que o germe da exploração se tinha esmagado no seio do Povo. O sentido da independência não era só bandeira, como falávamos em 1964/1965.

Alguns diziam com o livro debaixo do braço: «queremos independência real, não independência de bandeira». Papagueavam o que liam:

— de reconhecimento

— de sabotagem

— de material

As nossas armas, os nossos planos iam para o inimigo. E isso aconteceu também ao nível do alto comando de uma província.

Sem nós, onde estaria a FRELIMO? A FRELIMO éramos e somos nós.

Desmantelámos as redes em Tete, em Cabo Delgado, nos comités do partido, no Destacamento Feminino, nas escolas, hospitais, nas bases. Para elevar o nível técnico, cultural e ideológico dos quadros, abrimos a Escola do Partido em Janeiro de 1974.

Éra o resultado da qualidade da luta, da justeza da linha política da FRELIMO. Foi isto que levou o inimigo a enveredarem pelo caminho da subversão. Por isso quando se dá o golpe em Portugal, é aos combatentes que eles apelam para deixarem as armas.

Em 1973, dizíamos que a revolução é complexa, é uma empresa difícil. A qualidade da luta tinha atingido um nível muito alto. Verificava-se um desequilíbrio entre as forças vivas do combate na nossa luta armada e a consciência dos homens.

Analisamos que a Revolução cresce muito rapidamente, traz consigo novas exigências, mas em contrapartida ela não produz tão rapidamente quadros em qualidade. A nossa Revolução corria risco porque havia uma dissociação entre o

que fazíamos e a consciência dos homens.

Crescíamos numericamente, mas o crescimento de não acompanhar esse ritmo.

Atribuímos este fenómeno ao analfabetismo, o que era verdade, embora não totalmente. A forma de aquisição de conhecimentos era directa, de uma forma oral. Não havia possibilidade de leitura:

Mas, de qualquer maneira perguntávamos:

— Qual o segredo da vitória

— Por que triunfámos?

Porque todos nós levávamos conosco o desejo de liberdade, conhecíamos o valor e a importância da independência. Sabíamos passar para a ofensiva. Havia certas categorias no nosso seio:

— Uns com o espírito de vitória;

— Outros com o espírito derrotista, alimentado pelo pessimismo que os dominava.

Alguns elementos dos FPLM estavam nas mãos da PIDE. Era preciso subverter a FRELIMO, para desviar a dos seus nobres ideais. O imperialismo chegara à conclusão:

Que a independência era inevitável. Mas preocupava-se quanto ao tipo de independência.

Em Janeiro de 1974, os colonos de Vila Pery, hoje Chimoio, e Beira manifestaram-se contra a infiltração do exército colonial. Os oficiais do exército escreveram a Marcello Caetano, manifestando que não queriam ser o bode expiatório da derrota, que não queriam o que a solução para a guerra era política. Caetano respondeu-lhes: De tudo que preferia a derrota militar a negociar com «terroristas». Resposta que testemunha o seu estado mental.

Internacionalmente, isolámos Portugal. Estávamos nas Nações Unidas. Tínhamos ganho também a simpatia do Povo Português, das forças progres-

sistas e democráticas portuguesas. A FRELIMO tinha ganhado prestígio em todo o mundo. Este processo também passou despercebido a muitos de vós.

III — O PERÍODO DE TRANSIÇÃO

A INDEPENDÊNCIA E A OFENSIVA DA BURGUESIA COLONIAL

— AS BALAS DE AÇUCAR

Vamos falar da fase que precedeu a nossa independência e os primeiros meses da independência.

Em 25 de Abril deu-se o golpe em Portugal. No dia seguinte, o Comité Executivo da FRELIMO emitiu um documento histórico, onde se analisava o golpe. Tivemos a ocasião de dizer na altura:

— Caíu o fascismo em Portugal, mas o colonialismo continua em Moçambique. O fascismo é um cadáver fresco, que pode ressuscitar rapidamente com «coramina» do colonialismo.

— Negociaremos os maratonismos da transferência dos poderes para a FRELIMO, mas nunca a independência.

Alguns comandantes de companhia e pelotão começaram a festejar com o exército colonial. Tivemos que mandar parar.

Veio o Governo de Transição. Ai começa uma nova batalha. O nosso exército vai da floresta para a cidade. Foi o caos... Os imperialistas, a burguesia colonial, os aspirantes à burguesia, os desertores da FRELIMO que se transformaram em portugueses, montaram o esquema.

De longos anos a beber água estagnada, os guerrilheiros viram-se envolvidos de repente em barris de vinho, em garrafas de Whisky, em barris de cerveja.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

Depois, de longos anos de fome e sofrimento, são afilhados para jantaradas e festas organizadas pelos burgueses para os guerrilheiros.

Habitados ao sol, às estradas, à luta, às sombras da floresta, os guerrilheiros ficam submersos na luz das cidades.

Habitados aos trilhos da caminhada longa, os guerrilheiros, agora caminham nas avenidas largas das cidades.

Habitados a dormir nas cabanas das florestas, são-lhes oferecidos agora palacetes, villas e prédios. O guerrilheiro não vivia no ponto mais alto do prédio, e sem pagar renda.

Em todo o país, aumentam os desastres de viação. Eram os guerrilheiros que conduziam embriagados, muitas vezes sem cartas de condução, em carros muitas vezes oferecidos pelo «primos», gerente da fábrica. Morreram mais comandantes nesta fase do que durante a luta armada. Encontramos aqui sobreviventes desses acidentes.

Alguns até foram convidados para serem sócios de prostíbulos. Prostitutos que recrutavam prostitutas na Swazilândia, na África do Sul, na Rodésia. Era triste a realidade que assistíamos: ver os que fizeram triunfar a liberdade, de repente transformados em sócios de prostíbulos.

Afogados em vinho, em Whisky, em cerveja, em dinheiro, os heróis da guerra da independência foram transformados em farrapos nas cidades, e asfixiados pelo conforto das alcofitas e das mobílias.

Isto confundiu os guerrilheiros. Perderam o sentido do inimigo.

Registamos isto com tristeza. Onde estava a nossa Revolução afinal?

A História viu, viveu, sentiu e registou tudo isso.

Como interpretar este fenómeno?

Supondo que todos nós tivéssemos feito o mesmo, onde estaria a independência pela qual morreram camaradas e pela qual o povo foi vítima e consentiu sacrifícios?...

Estariam nós no poder com a bandeira da FRELIMO? Este é o ponto crucial!

O inimigo quis destruir a vitória da luta armada, diluir o conteúdo Revolucionário da luta. Independência da bandeira prevalecer! O inimigo tentou a «confrontação» com as forças vivas da luta. Para quê?

Afinal qual é a essência do capitalismo? Qual é a sua moral?

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

De longos anos sem ouvir a finura da poesia, cantada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça que, de repente deixa de ser rancista, declama junto do ouvido do guerrilheiro belos poemas de amor.

# Por causa do seu combate libertador

(Continuação de centrais)

Tivemos que defender a Revolução. Durante a guerra, aprendemos que isso é revolução quando tem a capacidade de se defender. Aprendemos também que a minoria se deve sacrificar pela maioria.

Proclamámos a independência em 25 de Junho de 1975. Em 25 de Julho, realizámos a histórica 4.ª Reunião do Departamento de Defesa. Alguns meses depois, os guerrilheiros começaram a receber os seus vencimentos.

Alguns preferem viver como parasitas:

- recusam pagar o machimbombo que os transporta
- recusam pagar o telefone que utiliza durante mais de duas horas, falando para distâncias longas
- recusam pagar comida que comem no restaurante
- recusam pagar o bilhete de cinema que assistem
- recusam pagar a renda de residência que habitam.

Alguns camaradas morreram atropelados na meio da rua, olhando pasmados para a altura de um prédio.

Este fenómeno é um conflito com a sociedade, um conflito que cria um choque social e cultural com a cidade.

A este conjunto de comportamento, a este conjunto de atitudes, chamamos javalismo.

Quando quisemos pôr cobro a estes abusos, desencadeámos o motim de 17/18 de Dezembro de 1975, com as armas da FRELIMO, com as botas, com as fardas da FRELIMO, a disparar contra a população, contra a cidade de Maputo — capital da República Popular de Moçambique, capital regada de sangue.

Quem são estes? São representantes de quem? Disparam contra quem?

Eles são o prolongamento daqueles que desmantelámos nas zonas libertadas.

O que iam fazer da nossa independência e do nosso Estado?

Mas quem são estes? São representantes de quem? Disparam contra quem?

Vencemos, como vencemos sempre no passado. E venceremos sempre no futuro.

Em 1976, começa a guerra contra a Rodésia racista.

Mais uma vez, o Povo Moçambicano é chamado a lutar, a consentir sacrifícios.

Alguns de vocês ficaram contentes e disseram:

«Tiraram-me das FPLM. Agora quero ver como é que vão lutar contra Smith». Como se a vitória da independência tivesse resultado de um acto pessoal. Onde está Smith? Smith está hoje no caixote do lixo da história.

As vezes temos visão curta e preocupamo-nos com os nossos problemas pessoais.

Em 3 de Fevereiro de 1977 realizou-se o 3.º Congresso da FRELIMO.

Em 1978 desencadeámos o processo de estruturação do Partido.

De 1976 a 1979, foi a estruturação e reorganização das nossas forças armadas, tarefa particularmente difícil. É o processo que continua, para criar um exército forte.

É preciso criar uma Marinha de Guerra. Temos uma costa grande para defender. Começámos do zero, sem tradição e sem experiência, e a processo, tem novas exigências.

É preciso organizar a Defesa Anti-Aérea, principalmente para as cidades. E isso exige soldados com instrução mínima de 9.ª classe.

É preciso organizar a artilharia costeira, a infantaria motorizada.

Na Força Aérea temos helicópteros, aviões de transporte, aviões de reconhecimento, caças, bombardeiros.

Criámos as Tropas de Guarda-Fronteira. Também as come-

çámos do zero e enfrentamos dificuldades. Se, por exemplo, são precisos 10.000 alunos, com a 11.ª classe, conseguimos apenas 500. Só para a Marinha, precisamos 1.000 alunos, apenas conseguimos assegurar 100.

São exigências do nosso exército. Tivemos de crescer rapidamente por causa da guerra contra Ian Smith.

Não era possível responder ao fogo do exército rodésiano, apenas com a tática da guerrilha.

## IV — OS HERÓIS DA LIBERDADE

De entre os vários acontecimentos nacionais, destacaremos dois pela sua importância:

— a introdução de patentes nas FPLM

— a instituição de condecorações na República Popular de Moçambique para os heróis da luta armada de libertação, para os heróis que lutaram na guerra do Zimbabwe.

Esta também foi uma guerra que produziu heróis, assim como a guerra contra os bandos armados produzirá os seus heróis. Cada luta produz os seus heróis e os seus traidores.

É uma decisão da Assembleia Popular em 1981, que introduz condecorações, medalhas e ordens pelos feitos heróicos de cada luta.

Em 25 de Setembro de 1980, introduzimos as patentes e divisas nas Forças Armadas para:

- Oficiais Gerais;
- Oficiais superiores;
- Oficiais subalternos;
- Sargentos.

Em 1981, fizemos o levantamento dos guerrilheiros, das homens que carregam a história gloriosa da FPLM e que são monumentos vivos da nossa história.

O 25 de Setembro somos nós.

Por isso, em Janeiro de 1982, decidimos vamos falar aos guerrilheiros. Vimos para vos dizer em sínteses:

1 — Que a terra está libertada, que o combate libertador triunfou.

2 — Que os FPLM cumpriram a sua missão histórica de expulsar o ocupante em Moçambique.

3 — Que os FPLM em Moçambique criaram a terra onde não havia terra, libertaram a pátria. Eramos guas dispersos de areia em etíopes, tribos, culturas, regiões, localidades, povos.

Hoje temos a Pátria, somos a Nação Moçambicana.

4 — A FRELIMO constituiu-se em partido marxista-leninista, o guia inconteste desta pátria, desde que a nossa luta se transformou em Revolução.

5 — A batalha principal actualmente no nosso país é a batalha económica. Temos que ocupar esta trincheira.

Conquistada a independência política, temos que conquistar a independência económica.

6 — Instituiu-se na República Popular de Moçambique o Serviço Militar Obrigatório, que incorpora novos jovens nas Forças Armadas. A sua fonte de inspiração são as FPLM, o heráismo, a coragem, a determinação do nosso Povo de lutar e vencer, a história da resistência do povo moçambicano.

Nós materializamos os desejos dos nossos antepassados, hoje os jovens consolidam o que conquistámos.

De entre vocês, temos:

— Velhos que não podem pertencer às Forças Armadas, mas que estão registados nas FPLM. Não podem pertencer

ao exército, porque o rigor e a disciplina exigidos são incompatíveis com a sua idade.

— Outros têm defeitos físicos, ou são feridos de guerra.

— Alguns de vocês, mesmo que jovens, terão de continuar nos sectores-chave da economia nacional.

No entanto, deverão aparecer tardados, em público.

— No dia 3 DE FEVEREIRO, Dia dos Heróis Moçambicanos. É o dia não só dos heróis que morreram. É o dia daqueles que fizeram a vitória de um combate que possibilitou outras vitórias. Esses são heróis.

— No dia 25 DE JUNHO, dia da proclamação da independência e da fundação da FRELIMO.

— No dia 25 DE SETEMBRO, dia da Revolução e das FPLM.

Val ser criada uma Secretaria de Estado para se ocupar de todos aqueles que participaram na luta armada. É preciso... que nos deem no final da reunião se tratendem se a tratados por veteranos ou artigos combatentes?

Já vos disse o essencial das objectivos desta reunião.

Finalmente deva dizer:

Obrigada por terem pertencido a esta história gloriosa da libertação nacional.

Obrigada por terem participado, nesta epopeia indescrevível.

Obrigado por terem sabido transformar os corpos dos mortos numa ponte que transportou a liberdade do Rovuma ao Maputo.

Somos hoje um Estado soberano, livre e independente. Já não existe a África Oriental Portuguesa.

Por causa do vosso combate libertador, este pedço de terra chama-se hoje República Popular de Moçambique.

A LUTA CONTINUA!

Obrigada.

### Nampula

### ÊXITOS

## NA DIVULGAÇÃO DO SNE

A primeira fase de divulgação do Sistema Nacional de Educação, na Província de Nampula, foi concluída com êxito, devido à participação massiva da população.

Esta é a conclusão a que se chegou na 3.ª Sessão do Gabinete Provincial de Divulgação do Sistema Nacional de Educação, cujos trabalhos foram orientados pelo Governador de Nampula, Feliciano Gundana.

## TAMBORES DE SOFALA BAILE

Realiza-se um grandioso baile no Clube da Juventude abrilhantado pelo famoso conjunto «TAMBORES DE SOFALA» com a presença de:

FERNANDO — Viola solo e vocalista  
NATAL — « Baixa e »  
SARMENTO — Ritmo e »

REMANE — Ba. erista  
ZUNGA — Gonguista

Entrada 200,00 MT  
Reserva de mesa c/4 cadeiras 400,00 MT  
» » individual 100,00-MT

Não percas esta oportunidade  
Haverá comes e bebes. VD 33998

## Fábrica de Refeições da Beira

### AVISO

Avisa-se aos estimados clientes que, a partir do dia 14 do corrente mês, recomeçamos a servir refeições nos nossos refeitórios.

Beira, aos 12/6/82

VD 34001